

BNDES 50 ANOS
Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social

Presidente da República

Fernando Henrique Cardoso

Ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

Embaixador Sérgio Amaral

Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social – BNDES

Presidente

Eleazar de Carvalho Filho

Vice-presidente

José Mauro Mettrau Carneiro da Cunha

Diretores

Beatriz Azeredo da Silva

Darlan José Dórea Santos

Eduardo Bunker Gentil

Isac Roffé Zagury

Octávio Lopes Castello Branco Neto

Apresentação

É um grande prazer apresentar ao público este livro que celebra os cinquenta anos do BNDES.

Há meio século, o mundo era bem diferente. Vivia-se a realidade da Guerra Fria. As obsessões ideológicas contaminavam a agenda internacional e criavam obstáculos à percepção de interesses comuns. Com frequência, a politização dos temas obscurecia a legitimidade das demandas, inclusive na questão do desenvolvimento.

Mas havia espaço para idéias novas. A CEPAL abriu uma “clareira” de pensamento propriamente latino-americano, que geraria tantos frutos. Discutiam-se projetos de desenvolvimento elaborados sob uma ótica regional.

Nesse espírito, escrevi anos mais tarde um trabalho intitulado “A originalidade da cópia”. Queria explicitar o fato de que o pensamento desenvolvido na CEPAL e, marcadamente, por Raúl Prebisch e Celso Furtado, relacionava-se com a teoria econômica clássica, naturalmente, mas tinha uma originalidade específica, por ter como referência histórica as estruturas econômicas, sociais e políticas de cada país da América Latina.

Idéias novas como essas contribuíram para o florescimento de iniciativas inovadoras também no campo político.

A criação do BNDE (ainda sem o S), em 1952, representou um marco na jornada para o desenvolvimento do Brasil. O Banco nasceu da convicção de que o país não podia depender somente de recursos externos para avançar seu projeto de renovação da infra-estrutura rodoviária, energética, de portos, e assim melhor competir no mercado internacional.

É significativo que o primeiro financiamento do BNDES tenha sido para as obras de modernização da Estrada de Ferro Central do Brasil. Entre outros objetivos, as melhorias visavam a atender ao crescimento da produção da Companhia Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda, ícone de uma época.

Era muito diferente o mundo dos anos 50. Mas não era diferente o anseio do povo brasileiro pelo desenvolvimento, pela erradicação da pobreza, pela conquista de maior justiça social e de níveis mais adequados de bem-estar e prosperidade.

É claro que a forma como agora encaramos esses desafios é outra.

A democracia é hoje uma realidade irreversível, e isso se reflete na própria definição de desenvolvimento. Quanto mais se afirma a democracia, mais o desenvolvimento deve ser desenvolvimento humano. A democracia afirma como critério maior da ação pública a atenção aos direitos humanos, à proteção de minorias, à preservação do meio ambiente.

Aliás, é importante recordar que BNDES foi pioneiro também na preocupação com os aspectos ambientais dos projetos que financiava, ainda na década de 70.

Outra realidade irreversível dos dias de hoje é a economia globalizada, em que o conhecimento e a informação tornam-se mais importantes do que a dotação de recursos naturais e o valor do trabalho.

Temos, portanto, um desafio novo. O de tirar o máximo proveito das oportunidades abertas pela ciência e pela tecnologia, sem perder a bússola da solidariedade.

Desafios novos não podem ser enfrentados com fórmulas antigas.

Nos anos 50, quando se falava em desenvolvimento, os símbolos eram a indústria pesada, a infra-estrutura econômica, as grandes obras. O BNDES esteve presente em tudo isso. A expansão industrial do fim dos anos 60 teve forte influência dos projetos

apoiados pelo BNDES, como por exemplo, a construção do Xavante, o primeiro caça a jato da Embraer. Mais tarde, o BNDES incentivou empresas de alta tecnologia, na informática, na fabricação de componentes eletrônicos, na indústria aeroespacial que nascia em São José dos Campos.

Como o crescimento da própria Embraer exemplifica, isso tudo é ainda muito importante nos dias de hoje. Mas as tarefas do Estado são distintas. Já não são as de um Estado-empresário, onipresente. São tarefas de um Estado que garanta as condições para o crescimento econômico, para a geração de emprego, para a universalização do acesso à educação e à saúde.

Sabemos que a estabilidade da moeda e a responsabilidade fiscal são componentes indispensáveis de um processo de desenvolvimento. Mas não são suficientes.

Estamos conscientes de que o mercado tem um papel essencial a cumprir na geração de riqueza, de inovação, mas não dá respostas a todas as perguntas.

O próprio estabelecimento do BNDES inspirou-se, de certa forma, nessa preocupação. Já naquela altura, sabia-se que certos setores da economia não se desenvolveriam a contento se deixados ao mero jogo da iniciativa privada. Era necessário o apoio do poder público, que, em muitos casos, não dispunha dos recursos necessários.

Outra não foi a percepção que viria a inspirar a criação do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), no final dos anos cinquenta. Os países do hemisfério, e não apenas o Brasil, viram-se convencidos de que a superação do atraso passava necessariamente pela parceria entre o setor privado e as instâncias governamentais, o que foi feito, com resultados expressivos. Até hoje o BID exerce um papel importante na viabilização das políticas regionais de desenvolvimento, como demonstra o apoio do Banco à ampliação dos eixos de infra-estrutura na América do Sul.

O certo é que o exercício da atividade pública só reforçou minha convicção sobre a importância do papel do Estado, responsável por demarcar o campo em que se dá a operação do mercado. Nem tudo é função dos interesses privados, mesmo após a globalização do processo produtivo, fenômeno bem posterior à fundação e consolidação do BNDES.

Mas continua prerrogativa do Estado – e, portanto, da esfera política – a definição das normas que balizam as transações, criando incentivos em determinadas áreas, impondo obstáculos em outras, enfim, mapeando o espaço de atuação dos agentes econômicos.

Problemas seculares, como as disparidades regionais, ainda demandam soluções mais criativas e eficazes. O BNDES permanece como um parceiro fundamental nesse esforço de promover uma distribuição mais equitativa dos benefícios do desenvolvimento brasileiro.

Ao longo destas cinco décadas, o BNDES soube acompanhar as transformações do cenário internacional e dos modelos de desenvolvimento.

Prova disso é a capacidade de financiamento do Banco, que hoje empresta quase o mesmo valor que o Banco Mundial, excluídos os créditos concessionais deste último.

Além de comemorar um passado de êxitos, portanto, o BNDES celebra, aos cinquenta anos, um futuro promissor.

O Brasil precisa do dinamismo e da capacidade de adaptação que o Banco tem demonstrado.

Capacidade de adaptar-se às mudanças, como órgão de um Estado cada vez mais transparente, mais acessível ao cidadão, mais preocupado em garantir serviços ágeis e eficientes. Um Estado que vem passando por uma revolução silenciosa nas formas de

gestão pública, uma revolução que implica mudança de mentalidade e de cultura dos funcionários e cidadãos.

O esforço de modernização do Estado brasileiro tem sido um esforço de democratização, de combate ao clientelismo, ao corporativismo, à corrupção. Assim como em outras instituições, o critério de distribuição de recursos do BNDES não tem sido outro senão o critério da competência e dos interesses estratégicos do Brasil.

Por tudo isso, estou convencido de que o Brasil consolidou grandes transformações e está dando um salto de qualidade no seu desenvolvimento.

Contamos com o BNDES para continuar a construir nosso futuro como um país que respeita seu povo, conhece seus interesses, e não tem receio de enfrentar os desafios de um novo século, seguro de sua vocação universal e de sua identidade como nação.

Brasília, junho de 2002

Fernando Henrique Cardoso

Presidente da República

Um banco a serviço do Brasil

Este livro conta a história dos cinquenta anos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, instituição que tenho grande honra em presidir. Assim, conta, também, a vida e a história dos funcionários do Banco que, em gerações sucessivas, construíram esta instituição que é hoje um orgulho para o país: um Banco de idéias, de conhecimento, que toca na vida e na memória de cada cidadão brasileiro, de forma mais próxima do que é percebido.

Ao contrário do BNDES, ainda não cheguei aos meus cinquenta anos. Em 1957, ano em que nasci, o BNDES estava mergulhado na tarefa de implementação do Plano de Metas. Naquele ano os investimentos em energia eram prioritários – representaram quase metade dos desembolsos; e eram fundamentais para a consecução do objetivo nacional de elevar a potência instalada brasileira de três mil para cinco mil megawatts em 1960. (Atualmente, a potência instalada no Brasil é de cerca de 75 mil megawatts.) Em 1957, o maior projeto aprovado pelo BNDES foi o referente à implantação da primeira fase (120 megawatts) da usina de Três Marias, em Minas Gerais. Hoje, o Banco possui ativos de R\$ 112 bilhões, um orçamento de desembolso de R\$ 28 bilhões e uma carteira de operações em energia elétrica que apresenta mais de cem projetos, com uma agregação de potência prevista de vinte mil megawatts e mais de R\$ 10 - bilhões em investimentos a serem financiados pelo BNDES.

A história do progresso do nosso país, de como ele se transformou e se modernizou nestas cinco décadas se entrelaça com a história da nossa instituição. É impossível falar deste período sem falar do BNDES.

Nenhum empreendimento de vulto com capital privado nacional foi implantado no Brasil, desde os anos 50, sem o apoio do BNDES.

É uma história de sonhos – sonhos que, com o trabalho e a energia dos funcionários desta casa e dos empresários e trabalhadores brasileiros, se transformam em projetos, em obras, em aumento de emprego e renda. São cinquenta anos construindo o desenvolvimento.

Neste meio século o BNDES teve sempre a capacidade de perceber onde estavam, em cada etapa, a necessidade e o rumo da mudança, a travessia do hoje para uma situação nova – e de iluminar o caminho novo, antevendo os obstáculos, para que o país pudesse em seguida percorrê-lo numa rota segura.

Neste livro, antigos e atuais dirigentes e técnicos do BNDES, autoridades, estudiosos e especialistas contam esta história em cinquenta depoimentos, com tanto brilho quanto outros que também contribuíram com a instituição na construção do desenvolvimento nacional. As cinco décadas – de 1952 a 2002 – são também contadas através de capítulos que trazem à luz não só a história do Banco, bem como fatos e curiosidades que marcaram a vida da nação neste período.

O BNDES, ao come morar seu cinquentenário, adota uma renovada visão estratégica da sua missão. Os desafios serão novos e a integração competitiva do Brasil se faz cada vez mais necessária, como consequência da globalização, fenômeno que tem caracterizado a evolução do sistema econômico internacional. O Banco estará, como sempre, apto a apresentar propostas e soluções para os momentos críticos com os quais o país venha a se defrontar. Como uma moderna instituição de fomento, sua atuação está pautada na busca de novos parceiros e no estímulo ao desenvolvimento do mercado de capitais e das regras de boa governança corporativa, elementos essenciais para a via-

bilidade econômica da empresa brasileira e para a consolidação do país como nação desenvolvida.

O BNDES começa agora o caminho para percorrer mais cinquenta anos, já divisando no horizonte, bem mais perto e mais possível, o dia em que verá cumprida em definitivo a sua missão: alçar o Brasil ao patamar das nações mais avançadas – as que conquistaram, ao mesmo tempo, o mais moderno grau de desenvolvimento tecnológico e, mediante a geração de empregos e de renda, um alto padrão de qualidade de vida e de bem-estar acessível a todos os seus cidadãos.

Eleazar de Carvalho Filho
Presidente do BNDES

BNDES: cinquenta anos de desenvolvimento

*o poeta faz cinquenta anos [...],
o poeta permaneceu o mesmo,
embora alguma coisa de extraordinário se houvesse passado*

Carlos Drummond de Andrade,

“Ode ao cinquentenário do poeta brasileiro” (1936), uma homenagem aos cinquenta anos de Manuel Bandeira

A maioria dos seres humanos é como os historiadores, diz Eric Hobsbawm: geralmente, só tempos depois se dão conta de que determinada época, certo momento que viveram como protagonistas ou como platéia, foi especial, histórico. Hobsbawm ilustra a tese com os anos 50: depois da Segunda Guerra Mundial, muita gente sabia que os tempos tinham de fato melhorado; no entanto, só algumas gerações depois de transcorrido o grande *boom*, já nos anos 70, os historiadores perceberam que nos anos 50 o mundo passara por uma etapa extraordinária. Buscaram designações para defini-la e criaram assim a expressão “Era de Ouro”.

O ímpeto do avanço econômico se mostrou tão atordoante que, à época, isso não foi percebido. Segundo Hobsbawm, para a maior parte da humanidade a Idade Média acabou repentinamente nos anos 50.

Foi em plena “Era de Ouro” que surgiu o BNDES. Parecia um prenúncio, como se fosse natural que o Banco nascesse naquele momento glorioso, quando a humanidade emergia da tormenta e começava a reerguer-se.

Passados cinquenta anos, o Brasil mudou muito, conforme este livro contará. Ajudando o país a mudar,

o BNDES também mudou, a cada ano, a cada lustro, a cada década.

Ao mesmo tempo, como num milagre, permaneceu o mesmo, embora alguma coisa de extraordinário se houvesse passado, como dizia Drummond na ode a Bandeira.

No Brasil do pós-guerra, tornara-se claro que era preciso criar uma instituição capaz de cumprir o papel de indutor da atividade econômica – um banco de desenvolvimento que se especializasse na oferta de empréstimos a longo prazo e com risco. Ou seja, que fosse não apenas banco, mas também agência de desenvolvimento. Esse papel não poderia ser desempenhado pelo sistema financeiro tradicional, que trabalha com a visão do curto prazo e do lucro imediato.

Por isso, criou-se o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, o BNDE, atual BNDES. Desde 1952, a história do Banco se confunde com a própria história do Brasil. Durante seus cinquenta anos de existência, completados em 2002, o BNDES cumpriu a missão de financiar os investimentos em infra-estrutura, indústria de base, pesquisa tecnológica, exportações e tantos outros setores. E, ao longo das tantas décadas e das várias etapas

do desenvolvimento brasileiro, manteve-se coerente, fiel a seus objetivos fundadores.

A trajetória do BNDES está marcada por um constante reinventar-se, repensar-se e refazer-se, para melhor cumprir as funções a que o Banco se propõe. Isso porque a realidade também se modifica e evolui.

Nos anos 60, consciente de que sua missão original – o reaparelhamento da infra-estrutura nacional – já estava bem encaminhada, o BNDES entendeu que se fazia necessário dar outro passo. A nova etapa consistia em investir em outros setores da

economia, sobretudo na indústria de bens de capital. Assim, começava a diversificar-se o leque de setores apoiados.

Mais adiante, tendo considerado que essa fase também já estava cumprida, o Banco tornou a repensar e reavaliar a si próprio e ao Brasil e percebeu que o país não poderia isolar-se do cenário mundial. Para participar do concerto das nações de forma independente e soberana, seria preciso abrir-se, com competência e segurança, ao mercado e à competição internacionais. Com base nessa percepção, o BNDES elaborou para a política econômica brasileira uma agenda de mudanças em que se incluíam a privatização, a valorização da competitividade, os investimentos em tecnologia e o apoio às exportações – era a chegada da integração competitiva. Com esse projeto, elaborado anos antes de popularizado o termo *globalização*, o Banco mostrava que podia apontar com eficiência as perspectivas que se abriam para o país. Não foi diferente nos anos seguintes, quando, sem ter abandonado o diagnóstico de desenvolvimento já traçado, a ele agregou uma crescente preocupação com o social. Hoje, o crescimento econômico não pode mais dissociar-se do desenvolvimento social, sob pena de o país não conseguir cumprir o objetivo de tornar-se uma sociedade moderna e justa.

Ao longo de todo esse meio século, o BNDES demonstrou que bons projetos significam não apenas bons resultados para as empresas, como também, e principalmente, aumento da renda para os cidadãos. É o efeito social do desenvolvimento. Em suas atividades, o Banco nunca esqueceu que o crescimento econômico não é um fim em si mesmo. É, isto sim, um meio para alcançar o aprimoramento humano. No século 21, modernizar o Brasil é dar equidade e justiça social a nosso desenvolvimento.

Atuação do BNDES

ANOS 50

Infra-estrutura econômica (energia e transporte). Siderurgia.

Anos 60

Indústria de base. Bens de consumo. Pequenas e médias empresas. Desenvolvimento tecnológico.

ANOS 70

Insumos básicos. Bens de capital. Substituição de importações.

ANOS 80

Energia. Agricultura. Social. Integração competitiva.

Anos 90

Infra-estrutura privada. Exportações. Privatização. Desenvolvimento social e urbano.

2000

Modernização dos setores produtivos. Atuação regional. Infra-estrutura. Exportação. Desenvolvimento social e urbano. Micro, pequena e média empresa. Privatização. Mercado de capitais.

DBA Dórea Books and Art

Editor

Alexandre Dórea Ribeiro

Editora executiva

Andréa di Pace

Texto

Elizabeth Azevedo

Colaboração

José Gorayeb (Gerente de Imprensa BNDES)

Design

Victor Burton

Assistentes de design

Miriam Lerner

Rubens Amatto (estúdio DBA)

Tatiana Wessel (estúdio DBA)

Pesquisa histórica

Elizabeth Azevedo / Hera pesquisa e consultoria histórica

Filomena Chiaradia Argel

Assistente editorial

Lúcia Telles

Revisão de texto

Mário Villela

Tradução

Thomas Nerney

Revisão da tradução

Regina Stocklen

Produção gráfica

Rubens Amatto (estúdio DBA)

Tatiana Wessel (estúdio DBA)

Finalização

Bureau Bandeirantes

Impressão

RR Donnelley

Unidade responsável no BNDES

Área de Comunicação e Cultura – ACO

Equipe coordenadora:

Superintendente

Elizabeth São Paulo

Assessora

Ana Luíza Landim

Gerentes

José Gorayeb

Zafira Levi

Endereços BNDES

Rio de Janeiro

Av. República do Chile, 100 - 13º andar - Centro

CEP: 20031-917 - Rio de Janeiro - RJ

Tel.: (21) 2277-8888 e 3088-8888

faleconosco@bndes.gov.br

São Paulo

Gerência Executiva Regional (GESUL)

Av. Presidente Juscelino Kubitschek, 510 - 5º andar

Vila Nova Conceição - CEP: 04543-906 - São Paulo - SP

PABX: (11) 3471-5100

Fax: (11) 3044-9800

gesul@bndes.gov.br

Brasília

Gerência Executiva Regional de Brasília (GEREG)

Setor Bancário Sul - Conj. 1 - Bloco 3 - 13º andar

CEP: 70076-900 - Brasília - DF

Tel.: (61) 322-6251

Fax: (61) 225-5510

gerereg@bndes.gov.br

Recife

Gerência Executiva Nordeste (GENOR)

Rua Antônio Lumack do Monte, 96 - 6º andar

Ed. Empresarial Center II - Boa Viagem

CEP: 51020-350 - Recife - PE

genor@bndes.gov.br

Belém

Gerência Norte (GNORT)

Av. Presidente Vargas, 800 - 17º andar - Centro

CEP: 66017-000 - Belém - PA

Tel.: (91) 242-7966

Fax: (91) 224-5953

gnort@bndes.gov.br

Os direitos dessa edição pertencem à DBA Dórea Books and Art.

Reservados todos os direitos desta obra.

Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica, mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer meio de reprodução, sem permissão expressa do editor.

© 2002